

James M. Jasper

Protesto

Uma introdução aos movimentos sociais

Tradução:
Carlos Alberto Medeiros

Para Frank Dobbin e Michèle Lamont

Título original:

Protest

(A Cultural Introduction to Social Movements)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2014 por Polity Press Ltd., de Cambridge, Inglaterra

Copyright © 2014, James M. Jasper

Copyright da edição brasileira © 2016:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Diogo Henriques

Revisão: Eduardo Farias, Carolina Sampaio

Indexação: Gabriella Russano | Capa: Estúdio Insólito

Foto da capa: Latinstock/© Aristidis Vafeiadakis/ZUMA Press/Corbis/Corbis Wire by Corbis

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J44p Jasper, James M.
Protesto: uma introdução aos movimentos sociais/James M. Jasper; tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

il.

Tradução de: *Protest (a cultural introduction to social movements)*

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-378-1556-4

1. Sociologia. I. Título.

Prefácio à edição brasileira

QUANDO ESCREVI ESTE LIVRO, em 2013, o movimento Occupy estava morto, mas eventos ainda se desenrolavam no Egito. Infelizmente, sua futura direção já estava clara: o golpe do general Al-Sisi tivera sucesso, e ele e seu exército foram aumentando cada vez mais o controle que detêm sobre o país. A nação original da Primavera Árabe, a Tunísia, é o único país da região a se mover numa direção mais democrática; seus vizinhos têm se envolvido em guerras civis ou retornado a uma diversidade de regimes autoritários. Até a Tunísia pareceu, por algum tempo, estar caminhando em outra direção, mas o assassinato de dois líderes não religiosos – um choque moral – inspirou novos protestos em 2013 que resultaram numa constituição secular no ano seguinte.

O ano de 2013 viu o surgimento de movimentos de protesto numa série de outras regiões do planeta. Começou com protestos em Baku, no Azerbaijão, contra o exército. Protestos na Bulgária, desencadeados por um grande aumento nos preços da energia elétrica, atribuído tanto à corrupção quanto ao neoliberalismo, derrubaram um governo. A ocupação do parque Gezi, em Istambul, no final de maio, foi o maior protesto realizado na Turquia em muitos anos, e a brutal repressão acabou ajudando a frear o processo de acumulação de poder pelo AKP (Partido da Justiça e do Desenvolvimento). Em setembro, os romenos começaram a sair às ruas para realizar manifestações semanais contra o projeto de mineração de ouro da Roşia Montană, concentrando-se, da mesma forma que os búlgaros, no fato de uma companhia de propriedade estrangeira estar propondo extrair riquezas das icônicas montanhas daquela nação – assim como em cultivar o ódio ao que era percebido como corrupção do governo em permitir a exploração.

Quase no final de 2013, manifestantes de Kiev começaram as ocupações que acabariam levando a um novo regime, e então a guerra, na Ucrânia.

E, evidentemente, havia o Brasil. Tinha havido pequenos, porém exitosos, protestos em Natal, Rio Grande do Norte, em agosto e setembro de 2012, contra o aumento dos preços das passagens de ônibus. Várias outras municipalidades foram atacadas pelo mesmo motivo, culminando em amplos protestos realizados em São Paulo em junho de 2013. Já existia um movimento, o Passe Livre, que pôde então organizar manifestações de rua em reação a toda proposta de aumento das tarifas de transporte em qualquer lugar do país. Como os bloqueios das ruas de São Paulo no horário de rush foram enfrentados pela polícia com violência crescente, manifestantes e jornalistas começaram a carregar garrafas plásticas de vinagre para se defender dos efeitos do gás lacrimogêneo. A polícia começou a prender qualquer um que transportasse vinagre, sendo amplamente ridicularizada e provocando o surgimento de novos rótulos, como “Revolta da Salada” ou “V de Vinagre”. Em conflitos políticos, cada ator reage a outros atores, numa cadeia sem fim de interações e inovações estratégicas. Aparentemente modestos, os aumentos dos preços das passagens (em São Paulo, de R\$ 3,00 para R\$ 3,20) tornaram-se um para-raios para insatisfações mais amplas, tais como a violência policial, a insuficiência do Bolsa Família e uma percepção geral de corrupção no governo. As ruas assumiram o slogan “Não é pelos vinte centavos”.

Governos são sempre atraentes como alvos de protestos. Mesmo que não causem necessariamente um problema social, no mundo moderno esperamos que eles o resolvam, ou pelo menos temos a esperança de que o façam. Quando estabelecem preços como os do transporte público, são eles obviamente os vilões ao aumentá-los; têm o recurso limitado do discurso neoliberal que apresenta os mercados como sistemas governados por suas próprias leis naturais em vez de decisões humanas. Aumentos de preços, mais notadamente do pão, têm desencadeado protestos através da história, mas normalmente apenas quando um ator humano pode ser acusado de causar ou permitir os aumentos é que o protesto se desenvolve. Esse é o grande debate ideológico do mundo moderno: será que os mercados são forças autônomas, ou refletem escolhas humanas que poderiam ser diferentes?

Um dos grandes movimentos sociais do século XX, o Solidariedade, nasceu da desastrosa tentativa do regime do líder comunista polonês Edward

Gierek de aumentar, em julho de 1980, os preços dos alimentos, apenas alguns anos depois de uma outra tentativa ter sido derrubada por greves e distúrbios. É fácil imaginar que a mobilização a respeito desses preços seja de alguma forma econômica em sua natureza, refletindo as agruras de maneira direta. Mas o protesto é contra uma decisão do governo, apresentada como uma escolha que coloca os interesses de credores estrangeiros, capitalistas locais ou membros de alguma elite acima dos interesses do povo. Quando um governo estabelece preços, estes se tornam políticos. O sofrimento material só leva diretamente ao protesto quando gera indignação.

Os malfeitos do governo são parte de um pacote ideológico maior que, no caso brasileiro, atraiu outros movimentos de protesto em 2013, de povos indígenas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e movimentos da população pobre urbana. A seus olhos, a fórmula monetizada de desenvolvimento neoliberal proporcionou investimentos em obras para plateias privilegiadas e uma modesta distribuição de renda para os pobres, ignorando formas mais importantes de infraestrutura como educação, saúde e transporte para trabalhadores pobres. Mas manifestantes sempre retomam questões sobre o motivo de o governo tomar as decisões que toma.

A forma mais atraente de explicar decisões governamentais ruins é ver políticos e burocratas como corruptos que escolhem determinadas políticas por receberem propina e não porque essas políticas beneficiem mais amplamente o povo. Este é o cerne da democracia: o Estado trabalha para si mesmo ou para o povo? Historicamente, os Estados surgiram como ferramentas dos governantes, mas nos últimos séculos movimentos de protesto os têm pressionado a se tornarem mais democráticos e responsáveis. Esse tema veio à tona no Brasil com a construção de gigantescas instalações esportivas para a Copa das Confederações (2013), a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016): a combinação de preços superfaturados e escândalos envolvendo propinas se tornou o símbolo de um governo mais preocupado com suas conexões internacionais do que com o povo. A atenção da mídia internacional proporcionou um palco para os manifestantes apresentarem suas queixas a um público de âmbito mundial.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) ganhou nova vida em 2013. Ele nasceu na década de 1990 como um sócio urbano do MST, e

também ocupou propriedades sem uso nas cidades. O MTST recuperou seu radicalismo inicial. Várias causas correlatas podem encorajar-se e inspirar-se mutuamente, sobretudo quando ativistas de diferentes movimentos conseguem constituir inimigos comuns, como a corrupção ou o capitalismo. Esses dois vilões caminham de mãos dadas: a corrupção é quase inevitável num mundo em que existe tamanha concentração de riqueza. E no entanto há diferentes nuances: a corrupção implica governo e políticos como vilões centrais; o capitalismo coloca as corporações nesse papel. Um movimento de protesto inspira outros, seja revelando fragilidades do Estado (como sustentariam os modelos de oportunidade política) ou mediante o estímulo e a empolgação morais (como sugeririam os teóricos da cultura). Mobilizações de tendência esquerdista e direitista inspiram umas às outras.

A moderna forma de movimento social surgiu com parlamentos que se afirmavam democráticos, como mostro no capítulo 1. Eles ofereciam uma poderosa bateria moral: o contraste entre a promessa luminosa da democracia, de um lado, e a crua realidade da política corrupta, de outro – a excitação da potencial inclusão e a realidade da exclusão permanente. Alguns dos maiores movimentos sociais exigiram a participação de grupos anteriormente excluídos, em especial no tocante ao direito de voto: para trabalhadores, mulheres, imigrantes, negros. Essa exigência é especialmente incisiva quando pessoas que costumavam votar perdem esse direito.

A responsabilização é outro aspecto da democracia, e os sistemas democráticos modernos reforçam nossas expectativas sobre o modo como os governos devem se comportar. Assim, a ideia de corrupção se torna uma retórica poderosa, insinuando a existência de forças sinistras que oferecem dinheiro para obter as políticas que desejam. A Petrobras, uma gigante do petróleo, se viu envolvida em casos bilionários de corrupção. Embora não diretamente acusada, a presidente Dilma Rousseff saiu chamuscada por ter feito parte da direção da empresa de 2003 a 2010. Funcionários, executivos e parlamentares foram, e continuam sendo, investigados pela Polícia Federal – até mesmo o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva foi atingido. No momento em que escrevo este prefácio, o Brasil se encontra em meio a uma enorme crise econômica, política e social, com significativos desdobramentos a cada dia.

Segundo a mídia, mais de 1 milhão de pessoas tomaram as ruas em 15 de março de 2015 para manifestar sua indignação – os organizadores falaram em 3 milhões. Enquanto os protestos de 2013 incluíram um elenco de temas de esquerda, os de 2015 foram mais estritamente concentrados no ataque ao PT – algo embaraçoso para um partido de trabalhadores. Em março de 2016, novos protestos sacudiram o país. Milhões de pessoas foram às ruas protestar contra a corrupção e pedir o impeachment da presidente Dilma – a mídia registrou mais de 3 milhões de manifestantes, os organizadores falaram em mais de 6 milhões. Dias depois, milhares de pessoas também saíram às ruas, desta vez em mobilização contra o impeachment da presidente – segundo a mídia foram 300 mil manifestantes, para os organizadores, mais de 1 milhão.

Estimativas jamais são inocentes. Os números constituem arenas para novas batalhas, e o que está em jogo não é apenas o orgulho dos organizadores. A contestação sempre continua seu curso enquanto a sua própria história é escrita.

O protesto nunca vai terminar, a menos que, por milagre, o mundo se transforme num lugar perfeito. Até lá, os manifestantes serão aqueles que vão apontar os problemas e exigir sua solução. Os envolvimentos estratégicos entre movimentos sociais, seus alvos, governos, a mídia, observadores e outros atores vão continuar, passando de uma arena a outra enquanto os atores buscam ganhar vantagens uns sobre os outros. Não podemos prever o que vai acontecer, mas podemos afiar nossas ferramentas analíticas para compreendê-lo quando de fato ocorrer. É um jogo bom de assistir, e melhor ainda de participar.

É COM SATISFAÇÃO e orgulho que vejo meu livro ser traduzido e publicado neste país. O Brasil difere de muitas formas da maioria dos países que forneceram os exemplos utilizados neste livro, originalmente escrito em 2013 e publicado no ano seguinte. Estudiosos têm criticado as teorias estruturais que dominam a pesquisa na Europa e nos Estados Unidos por tomarem suas próprias regiões como paradigmas para o mundo inteiro. Tento evitar esses problemas examinando as entidades de nível micro encontradas em toda a vida social: este livro concentra-se menos em estruturas e mais em pessoas, em indivíduos e suas interações, em suas emoções e entendimentos culturais. Podemos encontrar choques morais, orgulho e vergonha, dilemas

e decisões estratégicas em todos os lugares, ainda que eles assumam formas um tanto distintas e tenham diferentes estímulos em diferentes lugares.

Expectativas, decisões e práticas estratégicas são parte da cultura: baseiam-se no modo como entendemos o mundo, em nossos esforços para persuadir outras pessoas, nos sentimentos gerados pelas interações. A despeito de oitenta anos de esforços no campo denominado teoria dos jogos, decisões estratégicas não podem ser reduzidas a cálculos matemáticos fora de contextos culturais. Elas têm a ver com o modo como pensamos e nos sentimos a respeito de outros atores, com nossas normas, valores e tradições, com uma variedade de emoções e sensibilidades. Tento apontar neste livro uma série de dinâmicas estratégicas, sobretudo os vários dilemas que ativistas e outros atores enfrentam a cada dia.

Nos próximos capítulos, apresento meus melhores esforços para descrever toda essa dinâmica cultural, fundida com os insights de natureza mais estrutural que uma geração anterior de estudiosos nos proporcionou: a importância das redes sociais em recrutar novos membros; as oportunidades proporcionadas por discordâncias entre as elites ou por crises financeiras; a máquina institucional que torna certas ações mais fáceis e outras mais difíceis; as formas pelas quais novas arenas inspiram novas ações e organizações; e muito mais. Os contextos políticos e econômicos são sempre importantes. Mas, na maioria dos casos, forneço interpretações culturais do que antes era visto como mecanismos puramente estruturais.

JMJ, abril de 2016

Prefácio

OS ÚLTIMOS ANOS têm assistido a uma efusão de protestos por todo o mundo: cidadãos do norte da África e do Oriente Médio, membros do Tea Party e funcionários públicos do estado do Wisconsin, nos Estados Unidos, os Indignados na Espanha, participantes de ocupações em todo o globo, manifestantes contra a austeridade na Europa, o movimento verde no Irã, a praça Taksim em Istambul, os revolucionários de Kiev e muitos outros. Mas não devemos esquecer, ao nos congratularmos por atravessar um importante momento da história mundial, que protestos ocorrem todos os dias pelo planeta e sempre ocorreram. Na maior parte do tempo nem mesmo ouvimos falar deles – não são suficientemente dramáticos nem duradouros para que a mídia lhes dê cobertura. O protesto é uma parte fundamental da existência humana, e todos os períodos da história têm o potencial de trazer mudanças importantes.

Os movimentos sociais são a forma que o protesto assume com maior frequência no mundo de hoje. Eles dão a pessoas comuns uma oportunidade de explorar, articular e vivenciar suas intuições e princípios morais fundamentais. Indivíduos se juntam para tentar recrutar, persuadir e inspirar outras pessoas, usando todas as ferramentas que conseguem encontrar: dinheiro, mídia, narrativas, identidades coletivas, piadas, caricaturas e às vezes armas. Alguns participam de modo casual e esporádico, enquanto outros dedicam suas vidas a uma série de causas que os sensibilizam profundamente.

Num mundo caracterizado pelo cinismo, no qual suspeitamos que por trás de ações aparentemente altruístas se esconda o egoísmo, pode parecer difícil compreender pessoas que abrem mão do conforto material,

da estabilidade financeira, do tempo com a família, de uma vida normal em favor de projetos morais e táticas arriscadas que parecem ter muito pouca chance de sucesso. Quem são essas pessoas, que com frequência proporcionam tais benefícios a nossa sociedade enquanto retêm relativamente pouco para si mesmas? O que as motiva? O que elas pensam sobre o mundo? O que as ajuda a vencer ou as faz perder?

Nos últimos anos, os estudiosos dos movimentos sociais têm valorizado cada vez mais os significados e sentimentos culturais que acompanham os protestos, bem como as formas através das quais as pessoas os articulam para compreender suas vidas e cultivar seus sonhos morais. Os manifestantes e aqueles por eles envolvidos buscam familiarizar-se com a situação por meio de ações e decisões, expressando e criando seus próprios objetivos e identidades, e avaliando uma variedade de táticas para tentar obter o que desejam. Não é possível entender os movimentos sociais sem entender os pontos de vista dos participantes.

Examinar a ação coletiva voluntária em favor de uma causa também é uma boa maneira de ver como funciona a cultura, pois fundamental para qualquer movimento social é o esforço de criar novos significados. Em nenhum lugar é mais óbvia a criação da cultura, ou seus efeitos sobre o mundo em que vivemos. Precisamos entender a cultura para compreender o protesto, mas este também ajuda a entender de onde vem a cultura.

Cultura é significado: como entendemos o mundo, incluindo a compreensão de nossos próprios motivos e ações, como os sinalizamos a outras pessoas, como compreendemos suas ações e percebemos quem somos e o que queremos ser. Isso está ao mesmo tempo em nossas cabeças e encarnado em portadores físicos, como as palavras pintadas num lençol convertido em faixa a ser levada numa manifestação. É ao mesmo tempo um processo contínuo e os produtos ocasionais desse processo.

Um aspecto da cultura consiste nas muitas emoções que dão às compreensões cognitivas o poder de atrair a atenção ou motivar a ação. Os sentimentos estão presentes em todos os estágios e aspectos do protesto, da mesma forma que em toda vida humana. Antes consideradas uma fonte de irracionalidade, as emoções também podem nos ajudar a tomar deci-

sões e perseguir nossos objetivos. A indignação, emoção que combina a raiva com o ultraje moral, é o cerne do protesto, o primeiro sinal de que sentimos haver no mundo algo errado que precisa ser consertado. Também nos dá a energia para tentar consertá-lo.

A estratégia é outra dimensão cultural do protesto: decisões sobre objetivos e os meios para atingi-los; a constituição de alianças e a identificação de oponentes; a mobilização de recursos para viabilizar as táticas que escolhemos. Decisões estratégicas raramente são simples; há inumeráveis quebra-cabeças e dilemas que os manifestantes precisam negociar. Para cada escolha existem custos e riscos, ao lado de promessas e benefícios. Na sequência, identificarei alguns desses arranjos mais comuns, pois, para compreender o modo como os manifestantes fazem o que fazem (e se perdem ou ganham), precisamos observá-los no enfrentamento desses dilemas. (Arranjos tornam-se dilemas quando os responsáveis pela tomada de decisões os reconhecem e enfrentam.) Não podemos entender de que forma eles tomam decisões estratégicas senão pelos significados culturais que lhes são disponíveis ou que eles inventam. Mesmo as decisões mais banais são filtradas pelas lentes da cultura.

Vou usar três rótulos, *movimento social*, *movimento de protesto* e *protesto*, de forma quase intercambiável. Em sua maioria, os movimentos sociais são movimentos de protesto, concentrados naquilo que os participantes consideram ofensivo em seu mundo, embora também possam progredir e levar ao desenvolvimento de outras propostas positivas. (Alguns desenvolvem formas de fazer as coisas de maneira diferente e outros não.) Cidadãos britânicos em luta para interromper a construção de novas estradas são um movimento de protesto; aqueles que promovem as cervejas artesanais em lugar das produzidas em larga escala são um movimento social. Assim, os movimentos de protesto são um subconjunto dos movimentos sociais.

Mas nem todo protesto assume a forma de movimento de protesto: aqueles que apresentam queixas podem seguir exclusivamente caminhos normais, satisfazendo-se em escrever a seus representantes eleitos ou ao jornal local; no outro extremo, alguns manifestantes formam exércitos revolucionários em vez de movimentos de protesto. Frequentemente,

partidos políticos canalizam protestos sem a necessidade de movimentos distintos – os partidos *são* o movimento.

Os indivíduos nem sempre esperam por movimentos sociais para protestarem. Alguns encontram formas de fazê-lo por si mesmos, em atos dramáticos que outros não podem ignorar, como greves de fome ou autoimolações. Em 1953, a Índia criou um novo estado de língua *telugu*, Andhra Pradesh, em parte porque um homem chamado Potti Sreeramulu fez greve de fome até a morte a fim de chamar atenção para sua causa. (Enquanto escrevo este texto, outros indianos ateiam fogo aos próprios corpos na esperança de que Andhra Pradesh seja dividido para formar outro novo estado, assim como dezenas de tibetanos fizeram o mesmo para protestar contra a ocupação de sua nação pela China.) Mas quando os indivíduos passam a coordenar seu protesto, formam movimentos.

A qualquer instante, milhares de movimentos sociais estão em ação por todo o mundo. Até os leitores que participam de um ou dois desses movimentos vão conhecer a maioria dos outros lendo sobre eles e vendo-os na televisão. O que deveríamos perguntar sobre eles quando lemos a seu respeito? Como podemos contornar a parcialidade da cobertura midiática? Como é possível entender sua motivação? É preciso abordá-los com lentes culturais.

Tento fazer neste livro uma introdução ao protesto e aos movimentos sociais que destaque a ação e a intenção – o subjetivo –, sem ignorar a estrutura e as limitações. Ele cobre os principais tipos de perguntas feitas por pesquisadores a respeito de movimentos sociais e formas correlatas de engajamento nas últimas décadas, apresentando-as num estilo que espero que qualquer leitor possa compreender. Para tornar seu uso em sala de aula mais acessível, pus em **negrito** os conceitos que penso que um estudante deveria dominar depois de ler este livro, usando *itálicos* para listas e outros tipos normais de destaque em textos. (Assim, **recrutamento em bloco** aparece em negrito enquanto *música* está em itálico como parte de uma lista de portadores físicos de significado. Não creio que vocês precisem de mim para definir o que é música.) Coloquei a maioria dos dilemas comuns nas informações complementares. Para facilitar a leitura do livro,

fui econômico no uso de citações, e peço desculpas a todos os intelectuais cujo trabalho poderia citar, mas não citei.

Cada capítulo começa com o relato de um caso que então exploro para ilustrar meus temas. Tentei misturar movimentos históricos importantes como o “Wilkes e Liberdade” e o movimento feminista com esforços recentes como o Occupy – e da mesma forma incluí um movimento de direita, a direita cristã americana, e uma tentativa de revolução no Egito. Para aqueles interessados em leituras adicionais, inclusive alunos de pós-graduação em vias de prestar exames no campo dos movimentos sociais, coloquei asteriscos ao lado de algumas inserções na bibliografia, pois acho que constituiriam um acréscimo importante a uma boa pesquisa nesse campo. Terei prazer em aceitar contribuições por e-mail: jjasper@gc.cuny.edu.

Introdução: Fazer protesto

Acampamento festivo: Occupy Wall Street

Por dois empolgantes meses, no outono de 2011, o Occupy Wall Street atraiu as atenções do mundo e inspirou acampamentos semelhantes em outros lugares. A ocupação inicial, em 17 de setembro, foi organizada por um ataque de e-mails do Adbusters, um grupo anticonsumista conhecido por seus “subvernúncios” – imitações humorísticas de comerciais populares.

Quase imediatamente, os militantes que ocupavam o parque Zuccotti adotaram o rótulo “99%”, e seu complemento, o “1%”, que sintetizavam a aversão moral da maioria dos americanos às políticas neoliberais adotadas tanto por republicanos quanto por democratas desde 1981. Foi um brilhante par de expressões que implicava solidariedade para com a ampla maioria e definia um vilão que havia arrogantemente usurpado uma parte indevida do bolo político. Era exatamente o tipo de **bateria moral** – um par de emoções contrastantes, uma positiva, outra negativa – que gera indignação e atrai pessoas para o polo positivo.

O outro grande termo do movimento foi o próprio “occupy” [ocupe-mos], um convite tácito que logo se aplicou a centenas de espaços, tanto figurativos quanto físicos: Ocupemos Oakland, Ocupemos Toledo, Ocupemos o Patriarcado, Ocupemos a SEC [Comissão de Valores Mobiliários], Ocupemos Nossos Lares, Ocupemos o Sabá, Ocupemos Boehner,* Ocupemos os Guetos, Ocupemos a Zona Tampão no Chipre.

* Político norte-americano, ex-presidente da Câmara dos Representantes do Congresso. (N.T.)

Para tomar decisões, os Ocupantes utilizavam assembleias gerais, encontros prolongados em que todos os oradores eram bem-vindos e nos quais supostamente deveriam chegar a um consenso. O “microfone do povo”, pelo qual a plateia repetia cada frase pronunciada pelo orador, forçava o grupo todo a articular cada pensamento, assim como a transmiti-lo àqueles situados na parte de trás. Alguns gestos simples, feitos com as mãos, proporcionavam um feedback automático e tornavam as longas reuniões mais divertidas e atraentes. Os manifestantes acampados no parque Zuccotti tinham tempo bastante para se devotarem à democracia participativa, um processo cansativo, embora excitante para aqueles que têm a “verdadeira” democracia como uma aspiração moral central. Ali estava uma nova forma de viver que era muito mais democrática do que qualquer coisa que tivessem vivenciado anteriormente. A democracia numa assembleia geral era temperada ou reforçada por “hostes progressivas”, que passavam certas pessoas – consideradas sub-representadas, em desvantagem ou que ainda não tivessem falado – para a frente da fila.

A mídia jornalística convencional, em busca de um gancho fácil, queixava-se de que o movimento não tinha demandas, nenhuma política cobrada do presidente Obama ou do governador Cuomo. Com efeito, não teria sido fácil extrair propostas precisas, muito menos planos sofisticados, de uma assembleia ampliada. Mas não era essa a questão, como um sujeito radiante expressou adaptando seu pôster a um slogan gay: “Estamos aqui, somos ambíguos, acostume-se”. Os Ocupantes eram bastante claros sobre sua indignação com respeito à desigualdade econômica, unidos – como em muitos movimentos – mais por seus sentimentos do que por slogans eloquentes ou propostas políticas explícitas. Demandas precisas dariam demasiada legitimidade e poder aos políticos, transformando os Ocupantes em queixosos impotentes diante das autoridades.

O Occupy Wall Street enfrentou os mesmos dilemas estratégicos que confrontam a maioria dos protestos. Um deles foi o **dilema de Jano**: quanto tempo você dedica a questões e processos internos, como a assembleia geral ou o fornecimento de comida aos acampados, forjando o senso de comunidade que produziu a maior excitação da vida no parque Zuccotti, em oposição a quanto tempo você devota a outros atores de fora do movimento, como a mídia, a polícia ou aliados como os sindicatos? O Occupy sempre

preferiu voltar-se para dentro, tornando-se um festival de democracia interna, um acampamento feliz, satisfazendo em si e por si. Mas as marchas e os eventos regulares em Nova York equilibraram isso, fazendo do Occupy um ator no palco da mídia mundial. Quase todos os movimentos sociais devem confrontar-se com o dilema de Jano, que nesse caso frequentemente ecoou tensões entre participantes em tempo integral e em tempo parcial.

Igualmente importantes eram dois dilemas sobre a organização interna. O **dilema organizacional** refere-se ao número de regras que devem governar seus procedimentos: regras tornam as coisas previsíveis, mas ao

O dilema de Jano

Jano era o deus romano das portas e portais, que com frequência aparecia em cima dos dois lados de uma porta, com uma face olhando para fora e outra para dentro. Algumas atividades e argumentos dirigem-se aos próprios membros do movimento, enquanto outras estão voltadas a atores externos, como opositores, Estado e observadores. Todo movimento faz as duas coisas e precisa encontrar o equilíbrio adequado. Um movimento pode tornar-se abertamente voltado para dentro, ao organizar reuniões para motivar seus membros, reforçar sua solidariedade coletiva e ajudá-los a ter prazer em estar juntos. No outro extremo, pode concentrar-se exclusivamente em interações externas, deixando seus membros seguirem-no em conjunto ou não. Eles acabam parando de segui-lo. Várias decisões caem no dilema de Jano: você estimula uma identidade coletiva que enfatize a semelhança com a sociedade mais ampla ou uma identidade que se concentre nas diferenças?¹ Você contrata uma equipe profissional ou utiliza voluntários de dentro do grupo, motivados pelo entusiasmo e pela solidariedade?² Você passa mais tempo em reuniões participativas ou implementando as decisões nelas tomadas (embora a democracia interna também traga benefícios externos, como boas relações públicas e também, ao que se espera, boas escolhas estratégicas)?



Diferentes gerações de ativistas misturam-se no parque Zuccotti. Imagem: JMJ.

mesmo tempo restringem o que você pode fazer. O **dilema da pirâmide** diz respeito às dimensões da hierarquia vertical que se deve construir em seu grupo ou organização: pode ser eficiente ou agradável ter líderes fortes, mas estes por vezes substituem os objetivos dos outros participantes por seus próprios objetivos. Esses dilemas interagem no caso do Occupy: as regras formais sobre como tomar decisões e administrar a assembleia destinavam-se a manter a pirâmide baixa, horizontal, em vez de vertical (embora isso não impedisse o surgimento de líderes informais).

Muitos Ocupantes insistiam em afirmar terem pouco em comum com o movimento por justiça global nascido em Seattle em 1999 (ver capítulo 6). Parte desse distanciamento era geracional, uma vez que sucessivas coortes de novos manifestantes têm diferentes sensibilidades em relação àqueles que se juntaram ao movimento um ou dois anos antes. Em parte, tratava-se de uma genuína preocupação com a não violência, nascida de uma percepção de que os anarquistas mascarados conhecidos como “black blocs”, que haviam quebrado janelas em Seattle, teriam manchado a repu-

tação do movimento (o dilema da desobediência ou cordialidade, como veremos adiante).

O Occupy exerceu um grande impacto sobre os que dele fizeram parte, fornecendo-lhes um lampejo de um mundo mais empolgante e participativo, mas também um curso-relâmpago de tática política.³ Eles levarão consigo as esperanças e o know-how para futuras campanhas, em movimentos de protesto que ainda estamos por imaginar. Mas o Occupy também queria exercer um impacto externo. A desigualdade extrema não diminuiu, nem foram implementadas novas políticas para enfrentar esse problema, com a possível exceção da decisão de Cuomo de apoiar em Nova York um imposto sobre grandes fortunas.

Mas os acampamentos receberam ampla cobertura da mídia, e mais favorável do que aquela que recebe a maioria dos protestos. A mídia, em geral, tratou os Ocupantes como pessoas reais com reclamações graves, ainda que frequentemente os apresentasse como jovens sujos e desempregados – como se fossem vagabundos honestos – com sonhos utópicos irrealistas. Além da cobertura direta dos protestos, começaram a aparecer artigos e editoriais a respeito da desigualdade nos Estados Unidos, em que esta era admitida como um problema de todos que os formuladores de políticas públicas precisavam levar a sério. A cobertura do Tea Party, o grupo de direita que um ano antes havia mobilizado um pouco da mesma raiva populista do Occupy, encolheu, tendo menos impacto nas eleições de 2012 do que havia tido em 2010. O efeito do Occupy pode ter sido indireto, mas não foi desprezível.

Movimentos sociais

Na linguagem comum, os **movimentos sociais** são esforços persistentes e intencionais para promover ou obstruir mudanças jurídicas e sociais de longo alcance, basicamente fora dos canais institucionais normais sancionados pelas autoridades. “Persistentes” implica que esses movimentos diferem de eventos isolados, como reuniões ou assembleias, que são as